

## Fake News: um conceito indefinido

Fernando Figueiredo Strongren | f.strongren@yahoo.com.br

Doutorando no Programa de Pós-Graduação  
em Comunicação da Universidade de Brasília

### resumo

Este artigo tem como objetivo discutir os usos do termo *fake news* nas pesquisas acadêmicas. Três correntes podem ser identificadas no debate acerca da conceitualização de *fake news*. A primeira identifica fraquezas e problemas no uso científico do termo *fake news*, por isso defende a substituição do termo pelas expressões “informação imprecisa” (*misinformation*) e “desinformação” (*disinformation*). Já uma segunda corrente defende o uso da expressão original por sua relevância social e constructo científico, apesar da polissemia que o termo possui. Por fim, uma terceira via foi apresentada recentemente com a defesa da ideia de *junk news*, por destacar a capacidade de viralização e saturação do debate público. Neste artigo, apresentaremos essas diversas correntes, defendendo, por fim, o uso da expressão *fake news*.

**PALAVRAS-CHAVE:** conceito. *fake news*. informação imprecisa. desinformação. *junk news*.

### abstract

*This article aims to discuss the uses of the term fake news in academic research. Three approach can be identified in the debate about the conceptualization of fake news. The first identifies weaknesses and problems in the scientific use of the term fake news, so it advocates replacing the term with the expressions misinformation and disinformation. A second approach defends the use of the original expression for its social relevance and scientific construct, in spite of the polysemy that the term has. Finally, a third way was presented recently with the defence of the idea of junk news, for highlighting the capacity for viralization and saturation of the public debate. In this article, we will present these diverse currents, defending, finally, the use of the expression fake news.*

**KEYWORDS:** concept. *fake news*. misinformation. disinformation. *junk news*.

## Introdução

As eleições gerais de 2018 no Brasil ficaram marcadas pela discussão em torno das chamadas *fake news*, seguindo um movimento mundial que obteve notoriedade a partir das eleições presidenciais dos Estados Unidos em 2016. A preocupação com a circulação de *fake news* e a incógnita sobre os possíveis efeitos sobre a tomada de decisão política também serviram de alerta para governos do mundo todo, principalmente por sua presença nas eleições francesas de 2017 e no plebiscito sobre a saída do Reino Unido da União Europeia em 2016. Países como Alemanha, França, Quênia e Malásia aprovaram ou colocaram em discussão projetos de lei que visavam punir quem publicasse *fake news* ou multar plataformas sociais que falhassem em retirar esse tipo de conteúdo de suas redes. Por outro lado, tais leis foram duramente criticadas por abrirem caminho para o cerceamento da liberdade de expressão e pensamento.

No Brasil, a preocupação com as *fake news* durante o processo eleitoral de 2018 também teve espaço entre políticos, associações civis, meios de comunicação e o judiciário. De acordo com reportagem da Agência Brasil (VALENTE, 2018a), até o início de julho de 2018, mais de uma dezena de projetos de lei que abordavam *fake news* foram apresentados na Câmara dos Deputados e outro no Senado. O assunto também foi discutido pelos ministros do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), tanto antes do período eleitoral, como durante as eleições. Somente no primeiro turno das eleições, 25 processos relacionados às *fake news* foram registrados (VALENTE, 2018b). Na véspera da votação, em 7 de outubro, a coligação Brasil Feliz de Novo, encabeçada pelo Partido dos Trabalhadores (PT), teve acatado o pedido para a retirada de 35 conteúdos falsos ou ofensivos ao candidato à presidência da coligação Fernando Haddad. A ação, protocolada no dia 4 de outubro, contava com 92 páginas e solicitava a retirada de 115 publicações. O conteúdo, levantado a partir de um canal no WhatsApp, contava majoritariamente com postagens em redes sociais como Facebook, Twitter e YouTube (VALENTE, 2018c).

Apesar da ampla discussão dos últimos anos em torno das *fake news*, a compreensão do que são as *fake news* ainda não está clara e se apresenta de diferentes formas e até mesmo com propostas de uso de outros termos. Neste artigo, iremos analisar três dessas perspectivas conceituais do fenômeno *Fake News*<sup>1</sup>. A primeira tem como principais representantes Claire Wardle e Hossein Derakhshan. Estes autores apontam para uma série de problemas no uso do termo *fake news*, defendendo, portanto, o uso de duas outras expressões: *misinformation*, que traduzimos como informação imprecisa, e *disinformation*, traduzida por desinformação. Uma segunda corrente que analisaremos é representada por um grupo de pesquisadores (LAZER et al, 2018) que, ao mesmo tempo que reconhecem os problemas apontados por Wardle e Derakhshan,

<sup>1</sup> Ao longo deste trabalho iremos fazer uma distinção na grafia no uso do termo *Fake News*. O termo *Fake News*, com iniciais maiúsculas, será utilizado para se referir ao fenômeno mediático. Por sua vez, *fake news*, com iniciais minúsculas, irá designar conteúdos específicos, como uma reportagem falsa ou um tipo de *fake news*.

defendem o uso do termo *fake news* por sua saliência política e constructo científico. Por fim, vamos analisar a proposta de Tommaso Venturini (2019), que opta pela expressão *junk news*, com o objetivo de destacar sua capacidade de viralização. Antes de abordar cada proposta conceitual, iniciaremos o artigo com uma apresentação da origem do termo *fake news* e da ideia de notícia falsa na história.

## O termo *fake news*

Em 2017, o Dicionário Collins de língua inglesa anunciou o termo *fake news* como “Palavra do Ano de 2017”. A escolha veio em decorrência da discussão sobre o papel das *fake news* nas eleições presidenciais dos Estados Unidos. O tema emergiu com força a partir da reportagem do site BuzzFeed News (SILVERMAN, ALEXANDER, 2016) sobre um grupo de jovens da Macedônia que controlavam ao menos 140 sites sobre política estadunidense com notícias falsas, majoritariamente em favor do candidato republicano Donald Trump e contra a candidata democrata Hillary Clinton. Com a inesperada vitória de Trump e acusações de interferência russa nas eleições, as atenções de políticos, jornalistas e pesquisadores de diversas áreas se voltaram para os possíveis impactos das *fake news* nas eleições daquele ano.

Segundo o Dicionário Collins, o debate das *fake news* nas eleições estadunidenses produziram um aumento de 365% no uso da expressão ao longo do ano (THE COLLINS, 2017). Apesar desse crescimento exponencial, o termo *fake news* não era novo para os falantes de língua inglesa. Ao analisar a origem do termo, o dicionário identifica sua origem como referência aos programas televisivos que utilizam o estilo jornalístico para fazer humor (ETYMOLOGY, 2017). Entretanto, por volta de 2005, o termo ganha um novo significado, sendo utilizado para designar notícias falsas com conteúdo maldoso.

Esse novo significado ganhou notoriedade por sua ligação com a política a partir de 2016, mas *fake news* não se limitam a este universo, mostrando que o fenômeno se estende também para outros aspectos da vida social. Assim como na política, as *fake news* sobre medicina também são alvo de preocupação de pesquisadores, profissionais da saúde e governos em todo mundo. Apesar de não estarem voltadas para o controle político, as *fake news* médicas não deixam de ser menos perigosas. Com títulos sensacionalistas e promessas de cura ou efeitos rápidos, as *fake news* de saúde abordam desde supostos benefícios de ficar sentado por menos tempo ao longo do dia até os supostos efeitos de remédios no organismo. Órgãos envolvidos com saúde pública também têm demonstrado preocupação com a combinação das *fake news* com antigas teorias da conspiração, que buscam deslegitimar campanhas de saúde pública, como a vacinação. No Brasil, o Ministério da Saúde criou um canal pelo aplicativo de mensagens WhatsApp para receber mensagens virais, que seriam checadas e oficialmente respondidas como verdadeira ou falsa (ROCHA, 2018).

Esse quadro de projeção e debate sobre as *fake news* também chegou às pesquisas científicas. O levantamento bibliográfico realizado em novembro de 2018 na base de dados da EBSCO com o termo “*fake news*” localizou 307 itens publicados e revisados por pares. O primeiro item catalogado na EBSCO é um artigo de 1999, sobre as ciências biomédicas em tabloides, o único daquele ano. Entre 1999 e 2016, somente 33 itens foram localizados na base de dados da EBSCO para o termo “*fake news*”, representando 10,8% do total. Neste período, o ápice das publicações ocorreu em 2012, com dez itens, e três anos não tiveram nenhum item localizado – 2000, 2006 e 2009. Somente os dois últimos anos, 2017 e 2018, concentram 89,2% do total de itens localizados, sendo 118 textos em 2017 (38,4%) e 156 (50,8%) em 2018. Os resultados da pesquisa também mostram uma concentração destas publicações em língua inglesa, com 278 itens publicados em inglês, seguido por 11 itens em espanhol.

Apesar de a preocupação acerca das *fake news* aparecer centrada na produção acadêmica em língua inglesa, no Brasil, o tema também está atraindo a atenção dos pesquisadores. No 16º Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), realizado em novembro de 2018, foram aceitos sete trabalhos sobre *fake news* entre as comunicações livres e dois na sessão coordenada Fundamentos Teóricos do Jornalismo: cultura, autoridade e práxis. No Encontro de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJor), realizado concomitantemente ao SBPJor, foram aceitos outros dois trabalhos sobre o tema desenvolvidos por discentes de graduação. O número, apesar de baixo, é muito superior ao único trabalho sobre o tema apresentado na edição de 2017 do evento. Por sua vez, a edição de 2018 do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom contou com seis trabalhos sobre *fake news* apresentados em seis Grupos de Pesquisa (GP) diferentes, a saber, GP Telejornalismo, GP Teoria do Jornalismo, GP Comunicação e Cultura Digital, GP Comunicação e Educação, GP Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão e GP Semiótica da Comunicação. Este número foi três vezes maior que 2017, quando apenas dois trabalhos sobre o tema foram apresentados, um no GP Teoria do Jornalismo e outro no GP História do Jornalismo. Tanto no Intercom, quanto no SBPJor de 2016 não foram localizados trabalhos sobre *fake news*.

Apesar desse crescimento da preocupação social e acadêmica com as *fake news* nos últimos anos, um debate que emerge com alguma frequência é sobre a originalidade das *fake news*. Apesar da expressão inglesa ter como tradução direta para o português notícia(s) falsa(s), a tradução é pouco utilizada, sendo popular o termo em inglês entre meios de comunicação, pesquisadores e órgãos públicos, o que pode indicar um fator de distinção do fenômeno.

Entretanto, notícias falsas não são objetos exclusivos do nosso tempo. Pesquisadores fazem referências a “notícias falsas” com conteúdo mentiroso circulando por meios de comunicação ainda antes da invenção da imprensa, com o uso de slogans escritos em moedas para difamar o cônsul Marco Antônio no Império Romano (IRETON; POSETTI, 2018: 15) e com o livro *História Secreta*, do historiador Procópio de Cesareia, que desacreditava o antigo imperador bizantino Justiniano e sua esposa Teodora, com fatos inverificáveis (BURKHARDT, 2017: 5).

Se na época de Procópio, as informações falsas escritas ficavam limitadas à pequena elite letrada, a invenção da imprensa no século XV trouxe mudanças nesse sistema informacional. A prensa de Gutenberg não só ampliou a capacidade de reprodução de informação – legítima ou falsa, como também impulsionou o crescimento do número de alfabetizados, que agora podiam consumir as informações publicadas em livros, panfletos e jornais impressos. Além dessa nova classe de leitores, que foi se ampliando ao longo dos séculos, a imprensa também produziu uma nova classe de profissionais que produziam conteúdos para jornais, em panfletos ou pôsteres em troca de pagamentos. “Alguns eram pagos por editores para fornecerem notícias verdadeiras [*real news*]. Outros, ao que parece, eram pagos para escrever informações que beneficiavam seus empregadores” (BURKHARDT, 2017: 6, tradução nossa).

O primeiro exemplo de notícias falsas na era da imprensa vem da Itália, no primeiro quarto do século XVI, em diálogo com a sátira, assim como nos primeiros usos do termo *fake news*. Como destaca Burkhardt, o autor italiano Pietro Aretino foi responsável por combinar a sátira com a política produzindo notícias falsas. Com muitos contatos na nobreza italiana, Aretino ameaçava seus correspondentes de tornar o conteúdo das cartas com publicações satíricas em formato de pasquim. Apesar de usar do humor, essas publicações “plantavam a semente da dúvida na mente de seus leitores sobre as pessoas no poder na Itália e ajudavam a formar a complexa realidade política da época” (BURKHARDT, 2017: 6, tradução nossa). Algo semelhante apareceu na França com os *Canards*, que usavam o humor para crítica política.

Já no século XIX, as notícias falsas ganharam um novo estilo - e designação - nos Estados Unidos. Os chamados *hoax* são um tipo de notícia falsa comum entre os jornais dos Estados Unidos neste período, que tinham como característica uma narrativa complexa e bem elaborada, visando dar o máximo de legitimidade para a informação publicada. Esta forma de notícia falsa é fruto do desenvolvimento social e mediático estadunidense do período. Por um lado, o desenvolvimento tecnológico da impressão permitia tiragens cada vez maiores, por outro lado, a imprensa começava a se desvencilhar da dependência financeira de partidos políticos e se firmava como um negócio, que demandava o maior número de leitores. E é nessa busca por atingir um

maior número de leitores, que surgem os *hoax*, mobilizando a atenção de uma população cada vez mais letrada e curiosa sobre o desconhecido.

Com o passar dos anos, o jornalismo buscou aperfeiçoar suas técnicas de apuração e desenvolver ideais de objetividade de modo a se afastar das notícias falsas. Já no fim do século XIX, a ideia de uma notícia falsa publicada em um grande jornal estadunidense seria reportada mais como um erro jornalístico, uma falha no processo de apuração, do que uma mentira criada pelo profissional. Mas essas mudanças não permitiram que as notícias falsas sumissem do noticiário.

No Brasil, na década de 1930, matérias do jornal carioca O Globo, relatavam que notícias falsas provocaram revolta entre sócios do clube carioca Vasco da Gama e até queda no preço do café (BARROS, 2017). As notícias falsas também estiveram presentes na história do rádio. Em 1985, a Rádio Universidade de São Paulo noticiou um deslizamento de terra em Cubatão, no interior de São Paulo, mobilizando voluntários e bombeiros, que ao chegarem no local descobriram que não tinha ocorrido nenhum incidente. Também foi o rádio o meio de comunicação por trás do mais famoso caso de notícia falsa. Em 1938, a rádio CBS, nos Estados Unidos, transmitiu o drama radiofônico Guerra dos Mundos [*War of Worlds*, no original, em inglês], com um roteiro que simulava boletins jornalísticos sobre a invasão do planeta Terra por marcianos. Apesar dos avisos da abertura de que se tratava de uma peça de ficção, parte da audiência tomou a narrativa em modelo jornalístico como verídica, gerando um pequeno grau de tumulto na região.

Mas o que diferencia essas notícias falsas anteriores ao século XXI, das *fake news* contemporâneas? O uso disseminado do termo em inglês é um primeiro indicativo que notícias falsas e *fake news* possuem particularidades que os diferenciam. Segundo Claire Wardle e Hossein Derakhshan, o fator de diferenciação está no meio de comunicação: “Embora saibamos que informação falsa não é nova, a emergência da internet e tecnologias sociais trouxeram mudanças fundamentais na forma como a informação é produzida, comunicada e distribuída (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017: 11, tradução nossa)”. Em *A field guide to “fake news” and other Information disorders*, Liliana Bounegru, Jonathan Gray, Tommaso Venturini e Michele Mauri avançam nessa discussão sobre o papel da Internet na passagem de uma notícia falsa para uma *fake news* (BOUNEGRU et al., 2017: 18), destacando a importância da ampla circulação de uma notícia falsa possibilitada pela Internet na transformação dela em *fake news*.

Partindo dessa premissa da *Fake News* como um fenômeno novo e contemporâneo, nas próximas seções, iremos adentrar nas diferentes propostas conceituais do fenômeno: a que organiza em informação imprecisa e desinformação; na proposta que defende *Fake News* como um fenômeno de

relevância social e constructo científico específico; e, por fim, o conceito de *junk news*.

### ***Fake news: um conceito em disputa***

Como afirmamos anteriormente, o fenômeno *Fake News* ganhou a atenção de pesquisadores a partir das eleições presidenciais estadunidenses de 2016, após o assunto ganhar destaque nos jornais e obter espaço nas discussões públicas e políticas. Esta característica fez com que o termo *fake news* chegasse ao meio acadêmico a partir de seu uso comum, naturalmente fluído e polissêmico. Tais características dificultam uma precisão conceitual, deixando o termo amarrado ao significado formado no senso comum, como mostra a pesquisa de Tandoc, Zheng e Ling sobre o uso do termo em 34 artigos científicos publicados entre 2003 e 2017.

Segundo os pesquisadores, os primeiros usos do termo *fake news* no meio acadêmico estão vinculados a paródias e sátiras jornalística e informes publicitários - tal como o dicionário Collins apontou na etimologia do termo. Os autores, no entanto, destacam que *fake news* ganhou hoje um novo significado: “O discurso contemporâneo, particularmente na cobertura midiática, parece definir *fake news* como se referindo às mensagens virais baseadas em relatos fictícios feitos para parecerem notícias” (TANDOC; ZHENG; LING, 2018: 2, tradução nossa). Essa definição oferecida pelos pesquisadores de Singapura também está próxima da definição utilizada por Paul Levinson, para quem *fake news* são “notícias nas quais falsidades aparecem mais de modo deliberado do que por acidente ou erro” (2016, l. 13, tradução nossa), e de Ian Reilly, que define *fake news* com base na distância da realidade e no objetivo de enganar a audiência.

*Fake news* representa informações de vários tipos que são apresentadas como reais, mas são evidentemente falsas, fabricadas ou exageradas ao ponto de não mais corresponder à realidade. Além disso, essa informação age com o interesse claro de enganar ou induzir ao erro uma audiência específica ou imaginada (REILLY, 2018: 3, tradução nossa).

Apesar desse aparente consenso, o uso do termo *fake news* tem sido disputado por alguns autores, principalmente pelo uso que o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, tem feito do termo. Ainda como presidente eleito, em 11 janeiro de 2017, Trump negou ao repórter Jim Acosta da rede de TV CNN o direito de fazer uma pergunta, acusando a emissora e o jornalista de produzirem *fake news*, desde então, o presidente estadunidense e outros

políticos ao redor do mundo têm usado a expressão para desqualificar notícias e veículos de comunicação críticos aos seus governos e suas propostas. Essa ambiguidade que o termo ganhou é destacado por Cheryl Ireton e Julie Posetti no relatório financiado pela Unesco sobre o assunto: “*Fake news*’ é hoje muito mais que um rótulo para informação falsa e enganosa, disfarçadas e disseminadas como notícias. Ele se tornou um termo emotivo e uma arma usada para minar e desacreditar o jornalismo” (IRETON; POSETTI, 2018: 4, tradução nossa).

Como alternativa para o uso de *fake news*, Ireton e Posetti sugerem a adoção dos termos utilizados por Claire Wardle e Hossein Derakhshan: *misinformation*, *disinformation* e *informational disorder*. Em *Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policy making*, Wardle e Derakhshan identificam que, apesar do crescimento vertiginoso de publicações sobre *fake news* nos últimos meses, a falta de precisão conceitual é uma das causas da estagnação das pesquisas e do desenvolvimento de ferramentas. “O termo ‘*fake news*’ é terrivelmente inadequado para descrever o complexo fenômeno de *mis-* e *disinformation*”, afirmam os autores (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017: 15, tradução nossa).

Este fenômeno complexo é o que Wardle e Derakhshan chamam de desordem informacional (*informational disorder*, em inglês), isto é, uma ruptura que ocorre dentro do ecossistema informacional, afetando a credibilidade e o funcionamento de diversas instituições sociais, sobretudo o jornalismo e a indústria mediática. Os autores identificam na desordem informacional três componentes que, por sua vez, se dividem em três partes.

O primeiro componente agrupa os elementos da desordem informacional, sendo eles os *agentes* que criam, produzem e distribuem os conteúdos; as *mensagens*, propriamente ditas, que podem ser textos, imagens ou vídeos; e o *intérprete*, aquele que recebe a mensagem. Outro componente diz respeito às fases da produção da desordem informacional, com a *criação da mensagem*; a *produção dessa mensagem*, isto é, a transformação dela em conteúdo midiático; e a *distribuição desta mensagem*. O terceiro componente são os diferentes tipos de desordem informacional que nos referimos anteriormente: *misinformation*, *disinformation* e *mal-information*, que se diferenciam de acordo com a veracidade da informação e da intenção ou não de causar dano por parte de quem cria a mensagem.

Ao passo que *informational disorder* pode ser traduzido para o português sem dificuldades como desordem informacional, os termos *misinformation* e *disinformation* são ambos traduzidos para o português como desinformação, o que leva a uma dificuldade na compreensão e diferenciação dos conceitos. Segundo os autores, *disinformation* e *misinformation* englobam grande parte



do que é chamado de *fake news*, sendo que a diferença de ambas está na intencionalidade e no grau de consciência de quem produz a informação falsa.

*Misinformation*, conforme definem Wardle e Derakhshan (2018: 45-46), é a informação falsa, cujo autor (normalmente) acredita ser verdadeira. Sendo assim, optamos por traduzir *misinformation* pela expressão informação imprecisa. Esse é o caso dos rumores que são produzidos em momentos grandes catástrofes. Os autores citam, por exemplo, a informação que circulava na Internet de que um segundo policial havia sido morto durante o ataque terrorista na Champs-Élysées, em Paris, em 20 de abril de 2017.

As pessoas compartilhando esse tipo de conteúdo estão raramente fazendo isso para causar algum prejuízo. Pelo contrário, eles são pegos no momento, tentando ser prestativos, mas falham em examinar e verificar adequadamente a informação que estão compartilhando (WARDLE; DERAKHSHAN, 2018: 46, tradução nossa).

Os autores ainda identificam como informação imprecisa outros dois tipos de conteúdo: a conexão falsa e o conteúdo enganoso. A conexão falsa ocorre quando o título, legenda ou elementos visuais não estão de acordo com o conteúdo, normalmente utilizados por sites para atrair leitores – os chamados *clickbait*. Outro tipo de informação imprecisa é o conteúdo enganoso, isto é, o uso de ângulos em fotos, seleção de estatísticas e declarações para destacar certa perspectiva ou mesmo informes publicitários não identificados de maneira correta. Nesses casos, o autor da mensagem pode estar ciente de que ela é falsa.

Ao passo que quem produz a informação imprecisa não está necessariamente ciente da falsidade da informação, nem visa causar mal com ela, o autor da *disinformation* sabe que aquela informação é falsa e, normalmente, tem como objetivo causar algum dano por meio da mensagem. *Disinformation*, desta forma, é o conceito que engloba o uso mais comum do termo *fake news*, como a acusação do então candidato à presidência do Brasil Jair Bolsonaro de que seu adversário, Fernando Haddad, teria distribuído nas escolas públicas livros didáticos que ensinariam as crianças a terem comportamento homoafetivo. Ao divulgar essa informação por meio das redes sociais e da televisão, o candidato visava prejudicar a candidatura do adversário perante o eleitorado. Uma vez que o conceito de *disinformation* carrega a ideia de informar erroneamente de maneira intencional, optamos por traduzir o termo por desinformação.

São quatro os tipos de desinformação identificados por Wardle e Derakhshan. O contexto falso é um conteúdo legítimo – uma declaração ou uma pesquisa, porém apresentado fora de contexto. O conteúdo mentiroso é aquele que faz uso de logomarcas, cabeçalhos e outros elementos que se assemelham

ao de jornais tradicionais para publicar conteúdos não produzidos por eles. Já o conteúdo manipulado é, como o nome diz, a manipulação de um conteúdo legítimo, como a edição de fotos e vídeos. Por fim, o conteúdo fabricado é aquele conteúdo inteiramente novo e completamente falso. Apesar de suas diferenças, é importante notar que esses tipos de desinformação podem ocorrer juntos em um mesmo conteúdo.

Além da informação imprecisa e da desinformação, Wardle e Derakhshan apresentam um terceiro elemento da desordem informacional, a *mal-information*, que pode ser traduzida como má-informação. A má-informação é aquela informação verdadeira, porém tornada pública com o objetivo de causar prejuízo para alguém. Os autores (WARDLE; DERAKHSHAN, 2018: 46) citam o caso do vazamento de e-mails pessoais do candidato à presidência da França Emmanuel Macron antes da eleição de 2017, visando prejudicar a campanha do candidato, mas também incluem algumas formas de assédio e discurso de ódio como má-informação.

Desta forma, os autores organizam a desordem informacional dentro de um quadro composto pela informação imprecisa, que pode aparecer como falsas conexões ou conteúdos enganosos; desinformação, que pode ser do tipo contexto falso e com conteúdo manipulado, fabricado ou mentiroso; além da má-informação, com vazamentos, assédios ou discursos de ódio. Esse último, entretanto não é considerado *fake news*, mas fruto de um problema de ética jornalística.

A perspectiva de Wardle e Derakhshan traz inúmeras contribuições para o estudo do fenômeno *Fake News*, como a identificação das fases do processo – criação, produção e circulação; dos elementos – agente, mensagem e interprete; a caracterização de diferentes tipos de *fake news* – falsa conexão, conteúdo falso, mentiroso, etc.; e do próprio conceito de desordem informacional. Porém, a adoção dos conceitos informação imprecisa e desinformação para a compreensão do fenômeno carrega problemas.

O primeiro deles é que ao fundamentar sua definição na veracidade da informação, tais conceitos deixam escapar o efeito de algumas mensagens na desordem informacional. Por exemplo, no dia 21 de outubro de 2018, a matéria do UOL Denúncia detalha ameaça de Eduardo Bolsonaro a jornalista (TEIXEIRA, 2018) que voltou a circular no Facebook, mais de seis meses depois de ter sido publicada. A matéria, de 14 de abril, trazia as ameaças do deputado federal e filho do candidato à presidência da República à jornalista Patrícia de Oliveira Souza Lélis, depois dessa negar que tivessem tido algum relacionamento amoroso com o deputado. Entretanto, parte dos compartilhamentos que ocorreram em outubro faziam uma falsa conexão com

a jornalista da Folha de S. Paulo, Patrícia Campos Mello, que dias antes tinha publicado uma denúncia de uso de caixa dois para divulgação de *fake news* por apoiadores da candidatura de Jair Bolsonaro. Apesar da notícia compartilhada ser verdadeira, parte dos intérpretes não se atentaram à data da publicação e aos nomes das jornalistas, produzindo efeitos de desordem informacional. O mesmo caso acontece quando leitores desatentos compartilham matérias de sites de paródia jornalística, como o Sensacionalista, como se fossem notícias verdadeiras. Nesses casos, os contratos de leitura são quebrados, por desatenção do intérprete ou mesmo de forma intencional, e também produzem efeitos de desordem informacional. A própria sátira e paródia jornalística são elementos problemáticos no modelo de Wardle e Derakhshan. Em seus textos, os autores mencionam esse tipo de conteúdo e até os classifica como um dos tipos de informação imprecisa e desinformação (WARDLE; DERAKHSHAN, 2018: 48), mas não os representa no quadro da desordem informacional.

Wardle e Derakhshan também problematizam o uso de *fake news* a partir da constatação que conteúdos verdadeiros podem ser tirados de contexto para gerarem desinformação. Entretanto, a ideia de que existiriam informações falsas ou informações que levam ao erro também pode trazer problemas ao denotar que existiria uma forma verdadeira de reportar dada informação. Essa perspectiva pode levar ao mesmo problema da inversão de sentido de *fake news* utilizado por Donald Trump, de modo a classificar como informação imprecisa ou desinformação mensagens produzidas por jornais alternativos ou que não sigam a perspectiva oficial que legitima determinada informação ou fato.

Por outro lado, diversos autores defendem o uso do termo *fake news*. É o caso dos 16 pesquisadores que assinam o artigo *The science of fake news*, que identificam a importância do uso do termo “por causa de seu valor como constructo científico e por causa de sua saliência política, que chama a atenção para um tema importante” (LAZER et al, 2018: 1094, tradução nossa).

Lazer e seus colegas trabalham o conceito de *fake news* a partir de um diálogo com a proposta de Wardle e Derakhshan. Os pesquisadores definem *fake news* como parte da desordem informacional, junto da informação imprecisa e da desinformação, tal como apresentados por Wardle e Derakhshan. Entretanto, os autores definem *fake news* como:

Informação fabricada que imita a forma de conteúdo noticioso, mas não seu processo organizacional e objetivo. Agências de fake news, por sua vez, não apresentam as normas editoriais dos meios jornalísticos e o processo que garantem a precisão e credibilidade da informação (LAZER et al, 2018, p. 1094, tradução nossa).

Esse recorte adotado pelos pesquisadores, apesar de tornar mais fácil a identificação e delimitação do que é *fake news*, recai no mesmo problema da definição de Wardle e Derakhshan, deixando escapar elementos que fazem parte do fenômeno *Fake News*. Esses recortes pontuais, inclusive, parecem ser o padrão nas pesquisas sobre o tema. A análise de Tandoc, Zheng e Ling (2018) de 34 artigos que fazem uso do termo encontra seis diferentes usos e definições para *fake news*. Vejamos cada uma delas.

1. *Sátira jornalística*: esse conceito se refere a programas humorísticos que fazem uso do estilo jornalístico para entreter a audiência, sendo, entretanto, explicitamente satírico. As pesquisas apontam que, apesar de tais programas não fazerem parte dos principais meios de comunicação, eles são parte importante do ecossistema midiático ao usarem o humor para tecer críticas políticas, econômicas e sociais, combinando em partes iguais de informação e entretenimento;

2. *Paródia de jornais*: assim como a sátira, as paródias de jornais também são marcadas pelo uso do humor. Entretanto, nesse caso, as informações utilizadas pelas paródias não são factuais, partindo de temas de relevância social para construir conteúdos inteiramente fabricados;

3. *Fabricação de notícias*: neste conceito estão os conteúdos inteiramente fabricados, isto é, sem base factual, mas que são publicados com o estilo noticioso para criar legitimidade. Como destacam os autores (TANDOC, ZHENG, LING, 2018: 7), a diferença entre as notícias fabricadas e a paródia é a ausência do entendimento entre autor e leitor de que o conteúdo publicado é falso, sendo frequentemente a intenção do autor da notícia fabricadas enganar o público. Essas notícias fabricadas são, normalmente, publicadas em sites, blogs ou em plataformas de mídias sociais.

4. *Manipulação de fotos*: diferente das notícias fabricadas, cujo conteúdo geralmente se refere ao conteúdo textual, nesta categoria estão as imagens e vídeos manipulados para criar falsas narrativas. Apesar da manipulação de fotos e vídeos serem práticas tão antigas quanto a própria tecnologia, os autores destacam o crescimento dessa forma de manipulação com o surgimento das fotos digitais, softwares de manipulação de imagem e o conhecimento técnico por um maior número de pessoas. Outro elemento importante da manipulação é sua base factual – as fotos e vídeos não são completamente falsos -, mas ganham ornamentos que não possuem nenhuma base factual. Tandoc, Zheng e Ling (2018: 9) ainda destacam o crescimento da apropriação indevida de imagens, que são utilizadas fora de contexto, mesmo que nenhum dos estudos analisados envolva esse tipo de manipulação;

5. *Publicidade e relações públicas*: nesse conceito os pesquisadores incluem duas práticas. A primeira é o conteúdo publicitário publicado como notícia em veículos de comunicação. Outra prática identificada como *fake news* nesse conceito são os comunicados de imprensa (*press release*) publicados como notícia. As duas práticas se diferem pouco, mas podem ser definidas como a prática de relações públicas e publicitários de adotarem a aparência ou práticas do jornalismo para inserirem publicidade ou outras mensagens persuasivas nos meios noticiosos;

6. *Propaganda*: neste caso, o conceito de *fake news* é utilizado para se referir a notícias criadas por entidades políticas para influenciar a percepção pública de alguma personalidade, organização ou governo. Assim como a publicidade, a propaganda também parte de bases factuais enviesadas para promover uma certa perspectiva.

Seguindo esses usos do termo *fake news*, os autores propõem uma tipologia das definições de acordo com o grau de factualidade e a intenção imediata de causar dano do autor (Quadro 1).

Quadro 1 – Tipologia das definições de *fake news*

Nível de factualidade	Intenção imediata de causar dano do autor	
	Alto	Baixo
Alto	Publicidade Propaganda	Sátira jornalística
Baixo	Manipulação de foto e vídeo Fabricação	Paródia de jornais

Fonte: TANDOC; ZHENG; LING, 2018: 12.

Identificar essa diversidade de usos do termo *fake news*, apesar de demonstrar a dimensão e complexidade do fenômeno, não ajuda na definição conceitual do mesmo, uma vez que cada uma desses usos não passam de concepções pontuais dentro do contexto de cada pesquisa. Como apontaram Wardle e Derakhshan (2018), essa falta de um conceito bem definido gera uma barreira para o desenvolvimento de estudos sobre *fake news*, uma vez que não existe um solo comum, do qual todas as pesquisas possam dialogar entre si, seja concordando ou discordando do conceito.

Um passo para tentar solucionar essa falta de precisão conceitual é dada por Tommaso Venturini (2019) em seu artigo *From fake to junk news, the data politics of online virality*. A proposta de Venturini rompe em certa medida com a perspectiva conteudista das definições que apresentamos anteriormente, para focar em um de seus aspectos distintivos: a circulação permitida pela internet. Esse caminho já havia sido sinalizado pelo autor em um trabalho coletivo de 2017 (BOUNEGRU et al., 2017), onde os autores afirmam que *fake news* não é mais um dos tipos de conteúdo que circula online, mas para que um conteúdo se torne *fake news* ele depende da circulação e recepção proporcionada pela internet.

Neste sentido, as notícias falsas podem ser consideradas não apenas em termos da forma ou do conteúdo da mensagem, mas também em termos de infraestruturas mediadoras, plataformas e culturas participativas que facilitam a sua circulação. Nesse sentido, o significado de notícias falsas não pode ser completamente compreendido além de sua circulação online. É o registro dessa circulação que também nos permite traçar como o material que inicia sua vida como sátira de nicho pode ser reembalado como *clickbait* hiperpartidário para gerar dinheiro publicitário e depois continuar a vida como uma ilustração de desinformação política perigosa (BOUNEGRU et al., 2017: 8, tradução nossa).

Venturini, em seu artigo, avança nessa especificidade da capacidade de propagação para que um conteúdo seja definido como *fake news*. Para o pesquisador, a centralidade da propagação antecede, inclusive, a falsidade do conteúdo, tornando esses conteúdos em produtos consumidos não para a apreciação, mas pelo mero vício em consumir (VENTURINI, 2019: 3). É deste consumo pelo consumo de *fake news*, que Venturini propõe a ideia de *junk news*.

Direcionar a centralidade do fenômeno *Fake News* para além da questão da falsidade do conteúdo liberta a discussão sobre o conteúdo em si e a intenção do emissor – ambos fatores difíceis de definir, seja pela discussão filosófica do que é a verdade, ou de identificar e separar o(s) emissor(es) - para jogar luz sobre a questão tecnológica (capacidade de propagação da mensagem) e dos efeitos desse conteúdo na esfera pública.

‘*Junk news*’ é perigosa não porque é falsa, mas porque ela satura o debate público, deixando pouco espaço para outras discussões, reduzindo a riqueza do debate público e impedindo que histórias mais importantes sejam escutadas.

Como os rumores, *junk news* se prolifera por transmissão e transformação (VENTURINI, 2019: 3, tradução nossa.).

Venturini destaca que a novidade do fenômeno se dá pelas recentes mudanças sociais, econômicas e tecnológicas que levaram a viralidade coletiva para dentro de um sistema complexo que modifica sua forma de produção e circulação. Diferente do processo de imitação de comportamentos individuais proposto por Gabriel Tarde, a viralização das *junk news* se desenvolve sobre novos aspectos econômicos (do mercado da economia da atenção), comunicacionais (do surgimento de *prosumers*, ou produtores-consumidores), tecnológicos (com os algoritmos de comportamento e *bots*), culturais (das subculturas orientadas pela viralização) e política (com o uso da campanhas online para modificação de debates públicos).

Assim como as outras definições que analisamos, a proposta de Venturini tem vantagens e desvantagens. Seu ponto positivo é, sem dúvida, o destaque que ele traz para o aspecto tecnológico por trás do fenômeno *Fake News*. Se a internet é o elemento que singulariza as *fake news*, as características da internet devem ser componentes fundamentais na busca por compreender o fenômeno. Caso contrário, um olhar exclusivo para o conteúdo e intenção do emissor podem tornar iguais um *hoax* do século XIX e uma *fake news* do século XXI. Por outro lado, a proposta de Venturini de rebatizar o fenômeno leva ao mesmo problema apontado por Lazer e seus colegas (LAZER et al., 2018) da perda de um objeto que possui relevância social e uma história (apesar de recente) como constructo científico.

## Considerações finais

Como apontam quase que unanimemente os mais diversos pesquisadores, *Fake News* é um fenômeno ainda recente, que apresenta semelhanças com fenômenos do passado, mas diferenças que o torna único. Em meio a essa novidade, como vimos, um debate que ganha centralidade no meio acadêmico é a conceitualização do fenômeno para que, assim, possa ser objeto de estudos e discussões que avancem na compreensão do mesmo.

Neste artigo, buscamos explorar três correntes que buscam diferentes soluções para o problema de conceitualizar as *fake news*. O primeiro deles é representado por Wardle e Derakhshan, que apontam para os problemas do uso de um termo insuficiente e polissêmico, formulando um conceito amplo que parte da desordem informacional, para chegar nos conceitos específicos de informação imprecisa e desinformação. Contrário a essa corrente, Lazer e diversos outros pesquisadores insistem no uso do termo *fake news* que, apesar dos problemas bem apontados por Wardle e Derakhshan, possui relevância social e constructo científico que superam tais aspectos negativos. Por fim, analisamos o conceito de *junk news*, que busca tirar o foco da ideia de falsidade

que marca o fenômeno, direcionando a atenção para os fatores de propagação e recepção das *fake news*.

Cada uma dessas propostas conceituais traz aspectos positivos e negativos e esse confronto é fundamental para construção de um campo comum onde diferentes pesquisadores podem analisar e debater sobre um mesmo fenômeno. Wardle e Derakhshan contribuem positivamente com a compreensão de que o fenômeno não se limita a conteúdos pontuais e específicos, mas que faz parte de um fenômeno amplo, chamado por eles de desordem informacional. Lazer e outros pesquisadores contribuem ao destacar a importância do termo *fake news*, tanto socialmente, quanto no meio científico. Por fim, Venturini contribui ao alertar que o mais importante no fenômeno não é a questão da falsidade do conteúdo, mas sua capacidade de propagação gerada pela internet.

### Referências

BARROS, Gisele. Marca da era Trump e do Brexit, ‘fake news’ abalaram café do Brasil nos anos 30. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 jul. 2017. Mundo. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/marca-da-era-trump-do-brexit-fake-news-abalaram-cafe-do-brasil-nos-anos-30-21761730#ixzz5U7UWT3bgstest>>. Acesso em: 16 out. 2018.

BOUNEGRU, Liliana et al. **A Field Guide to Fake news**. Amsterdã: Public Data Lab, 2017. Disponível em: <<http://fakenews.publicdatalab.org/>>. Acesso em: 24 out. 2018.

BURKHARDT, Joanna M. History of Fake News. In.: **Library Technology Reports**, v. 53, n. 8, 2017, p. 5-9.

ETYMOLOGY corner – Collins Word of the Year 2017. **Collins**, 2 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.collinsdictionary.com/word-lovers-blog/new/etymology-corner-collins-word-of-the-year-2017,400,HCB.html>>. Acesso em 15 out. 2018.

IRETON, Cherilyn; POSETTI, Julie (ed.). **Journalism, ‘Fake News’ & Desinformation: Handbook for journalism education and training**. Paris: Unesco, 2018.

LAZER, David M. J. et al. The science of fake news. **Science**, v. 359, n. 6380, 9 mar. 2018, p. 1094-1096.



LEVINSON, Paul. **Fake News in real context**. S/L: Connected Edition, 2016. Edição digital.

REILLY, Ian. F for Fake: Propaganda! Hoaxing! Hacking! Partisanship! And activism! in the Fake News ecology. In.: **The Journal of American Culture**, v. 0, n. 0, 2018, p. 1-14.

ROCHA, Gabriela. Ministério da Saúde lança serviço de combate à Fake News. **Ministério da Saúde**, Brasília, 27 ago. 2018. Disponível em: <<http://portalms.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/44139-ministerio-da-saude-lanca-servico-de-combate-a-fake-news>>. Acesso em 1 nov. 2018.

SILVERMAN, Craig; ALEXANDER, Lawrence. How teens in the Balkans are duping Trump supporters with fake news. **Buzzfeed News**, 3 nov. 2016. World. Disponível em: <<https://www.buzzfeednews.com/article/craigsilverman/how-macedonia-became-a-global-hub-for-pro-trump-misinfo#.hcRNEk6Ox>>. Acesso em 15 out. 2018.

TANDOC Jr., Edson C.; ZHENG Wei Lim; LING Richard. Defining “Fake News”: A typology of scholarly definitions. **Digital Journalism**, v. 6, n. 2, 2018, p. 137-153, DOI: 10.1080/21670811.2017.1360143. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/21670811.2017.1360143>>. Acesso em: 18 out. 2018.

TEIXEIRA, Luiz Fernando. Denúncia detalha ameaça de Eduardo Bolsonaro a jornalista. **UOL Notícias**, Brasília, 14 abr. 2018. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2018/04/14/denuncia-detalha-ameaca-de-bolsonaro-a-jornalista.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 21 out. 2018.

THE COLLINS word of the year 2017 is... Collins Dictionary, 2017. Disponível em: <<https://www.collinsdictionary.com/pt/woty>>. Acesso em: 15 out. 2017.

VALENTE, Jonas. Legislação sobre notícias falsas divide opiniões no Congresso. **Agência Brasil**, Brasília, 8 jul. 2018a. Política. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-07/legislacao-sobre-fake-news-divide-opinioes-no-congresso>>. Acesso em: 16 out. 2018.

VALENTE, Jonas. Fake news sobre candidatos inundam redes sociais em período eleitoral. **Agência Brasil**, Brasília, 6 out. 2018b. Geral. Disponível

em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-10/um-dia-da-eleicao-fake-news-sobre-candidatos-inundam-redes-sociais>>. Acesso em: 16 out. 2018.

VALENTE, Jonas. TSE determina retirada de 35 notícias falsas contra Haddad. **Agência Brasil**, Brasília, 6 out. 2018c. Política. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-10/tse-determina-retirada-de-35-noticias-falsas-contrahaddad>>. Acesso em: 16 out. 2018.

VENTURINI, Tommaso. From Fake to Junk News, the Data Politics of Online Virality. In D. Bigo, E. Isin, & E. Ruppert (Eds.), **Data Politics: Worlds, Subjects, Rights**. London: Routledge (forthcoming), 2019. Disponível em: <[http://www.tommasoventurini.it/wp/wp-content/uploads/2018/10/Venturini\\_FromFakeToJunkNews.pdf](http://www.tommasoventurini.it/wp/wp-content/uploads/2018/10/Venturini_FromFakeToJunkNews.pdf)>. Acesso em: 20 fev. 2019.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making**. Strasbourg: Council of Europe, 2017.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. Thinking about information disorder’: formats of misinformation, disinformation, and mal-information. In.: IRETON, Cherilyn;

POSETTI, Julie (ed.). **Journalism, ‘Fake News’ & Desinformation: Handbook for journalism education and training**. Paris: Unesco, 2018.



**semeiosis**

## autores

Fernando Figueiredo Strongren | [f.strongren@yahoo.com.br](mailto:f.strongren@yahoo.com.br)

Doutorando no Programa de Pós-Graduação  
em Comunicação da Universidade de Brasília

SEMEIOSIS 2019. ALGUNS DIREITOS RESERVADOS. MAIS INFORMAÇÕES EM SEMEIOSIS.COM.BR